

GÊNERO BIOGRÁFICO E HISTORIOGRAFIA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS¹

FRANCISCO DE SALES GAUDÊNCIO*

Resumo: O artigo trata da questão da biografia, sob uma perspectiva teórica. Discute-se a recente renovação deste gênero de trabalho histórico-literário à luz do movimento mais abrangente de igual renovação da narrativa e da memória e da emergência da Nova História Cultural como domínio da historiografia a partir das três últimas décadas. Também a História do Presente e as polêmicas relações entre a História e a Literatura são contempladas no texto que aponta, ainda, as dificuldades e os cuidados a serem tomados na construção das narrativas biográficas.

Palavras-chave: Biografia; História Cultural; Literatura.

Abstract: This article deals with the question of the biography form a theoretical perspective. It discusses the revision of this type of historical literature in light of the revisions taking place in the field of memory and narrative and the emergence of the New Cultural History over the last three decades. It also addresses the question of the relations between History and Literature, pointing out the difficulties

* Professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, do Programa de Pós-Graduação em História da referida Universidade e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal de Pernambuco.

and cautionary measures which should be taken in the construction of biographical narratives.

Keywords: Biography; Cultural History; Literature.

Pode parecer estranha a opção por um estudo biográfico como tema de estudo. Até bem pouco tempo, um trabalho acadêmico centrado em uma biografia era algo considerado inimaginável e, se mal feito, de extremo mau-gosto. Para muitos cultores do que seria a “verdadeira” história, segundo os paradigmas ditados pela academia e que privilegiava apenas os grandes temas ou cortes de tempo, seria perda de tempo, ou coisa parecida, o mergulho na vida de um só personagem quanto mais um quase desconhecido das grandes correntes historiográficas e que nelas se inseria, somente quando se tornava necessária uma eventual ligação com seu espaço e seu acanhado meio – o Brejo paraibano do século XIX. Aí sim, podia-se encontrar uma ou outra pálida tentativa de perscrutar sua importância em nível paroquial ou, no seu limite, regional. Nos últimos anos, isso mudou.

Para que isso se tornasse possível, foi preciso que a historiografia brasileira desse um salto significativo no tocante a abordagens mais específicas e sofisticadas, valorizando a microhistória e os enfoques socioculturais, incorporando instrumentos analíticos da antropologia e da análise literária. Isso porque, tematicamente, voltou-se para objetos de estudo mais recortados como as irmandades e confrarias, as manifestações e movimentos messiânicos de raiz indígena ou portuguesa, as práticas místicas e mágicas, as festas, a morte, a sexualidade, a família e a mulher, deixando de lado estudos de feições mais institucionais que tradicionalmente envolviam a Igreja e o Estado, em suas várias dimensões.²

De uma maneira geral, e até que isso acontecesse, as biografias, em seu formato tradicional, sempre tiveram público certo, formado por leitores afinados com um tipo de cultura livresca que, desde há muito, vem alimentando um próspero e dinâmico mercado editorial, sem grandes preocupações com a densidade da obra ou do biografado. Biografias, quase sempre, realizadas por historiadores diletantes, jornalistas ou pelo menos renomados “homens de imprensa”, cujo

simples empréstimo de seus nomes a uma determinada obra garantia de pronto seu êxito editorial, alavancando as grandes vendagens de um determinado título. Isso explica porque muitas delas tenham chegado com facilidade à condição de *best-sellers*.

Nesse sentido, o estudo biográfico enquadra-se na redescoberta da narrativa e da memória, que vem acompanhando as (in)definições e as crises que marcam a Nova História, desde o final da década de 80 do século passado. É parte de certas perspectivas e de temas, que, quando analisados no conjunto da produção brasileira dos anos de 1990, aparecem como dado realmente novo.³ A importância atual da biografia, modalidade que, como já vimos, não era tão presente na academia até pouco tempo, deve-se provavelmente a sua revalorização, alcançada com o sucesso de trabalhos editados comercialmente, e, mais do que isso, à retomada, em outros moldes, do papel do sujeito na História. Segundo Carlos Fico: “Desprezadas durante um bom tempo, a subjetividade e o cotidiano foram retomados de maneira própria pela História das Mentalidades, do Cotidiano e pela Nova História Cultural. Essa revalorização do sujeito, seguramente, explica a abertura de espaço que propiciou a produção de tantos estudos biográficos, alguns bastante tradicionais, sobre uma personalidade política ou artística, por exemplo”.⁴ Mais do que isso, entretanto, é a própria retomada da história política, colocada em segundo plano pelos historiadores dos *Annales*, que, durante algumas décadas do século passado, pontificaram nos domínios historiográficos com a “história total” ou “história estrutural”. Com efeito, a crise da Nova História expressou-se, também, pelos “retornos”: retorno da história-relato, da biografia, do acontecimento, mas, sobretudo, da história política.⁵ Seu “renascimento”, no entanto, vem ancorado, agora, na sociologia, preocupada com todas as manifestações, comportamentos e entidades constitutivas da vida política em todas as suas dimensões; em que a História e as Ciências Sociais se confundem na sociologia histórica do político.⁶ Esse interesse renovado pela história política, que também tem se manifestado no revivificar de uma história política mais tradicional, só tem sentido se for entendido “como o sinônimo de uma nova atenção com a contingência e com o lugar dos indivíduos na história”.⁷ Numa perspectiva mais ampla, e diante da expansão do

universo dos historiadores, a uma velocidade vertiginosa, matando um suposto significado da História, torna-se necessário o reavivamento de gêneros ou modalidades de estudos que permitam dar um novo sentido à própria História, como a história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa, sem a preocupação com a questão de explicá-la ou não, mas, sobretudo, com o tipo de narrativa a ser escrita.⁸

Nesse passo, estamos atentos a discussões, indagações e a buscas de caminhos e possibilidades que se apresentam ao historiador num momento em que se fala do presumido “fim da História”,⁹ especialmente quando se constata que a real perda desse sentido da História é mais perceptível entre os jovens de hoje, da geração do *no future* e do *now*, “aquela cujo horizonte estaria restrito somente ao presente”.¹⁰ O que não seria uma tragédia, não fosse o envolvimento superficial dos indivíduos com a gigantesca massa de informações sobre os acontecimentos que ocorrem quotidianamente no planeta, na imediatez do “tempo real” de um mundo que se globaliza, e cuja veracidade ninguém, ainda, está em condições de questionar. Contudo, atribuir a responsabilidade desse estado de coisas à eficácia dos meios de comunicação de massas e à velocidade com que as informações são veiculadas, dentro de um mundo em rede, que joga por terra as noções tradicionais de tempo, espaço e distância, parece impreciso. Conforme Bodei: “A responsabilidade das mídias no embotamento do sentido histórico é, aliás, limitada. A impressão que o *visus* histórico das jovens gerações tenha diminuído advém da supervalorização do tipo de sentido histórico ao qual estamos habituados”.¹¹ Ainda de acordo com o filósofo italiano, referindo-se ao desaparecimento do sentido da História entre os jovens: “O que está em crise não é a memória histórica enquanto tal. Talvez sejam os critérios ‘subjéctivos’ de seleção que serviam a individuar os elementos significativos e importantes das histórias nas quais estamos implicados e sobre as quais nos interrogamos. Tal desaparecimento vem sendo festejado por alguns como o resultado direto do “desmoronamento das ideologias” e das utopias”.¹²

Essas reflexões certamente nos animam a valorizar, por exemplo, a história presentificada como uma importante alternativa – entre outras tantas – para superar a tão propalada “crise da história” que vem ocorrendo nos últimos tempos. A história do presente tem o

mérito, segundo seus cultores, de permitir que a análise realizada pelo historiador possa ser confrontada com aqueles que foram ou são objeto de sua análise. Na sua realização, o historiador do presente sente-se, portanto, policiado pela própria história, pois é sob vigilância que dialoga com sua própria fonte. “Desse diálogo, dessa cumplicidade conflitual, pode surgir um trabalho extremamente fecundo. De um lado, a testemunha ou ator mostra simplesmente seu ponto de vista, um ponto de vista parcial no sentido ótico do termo, se não parcial no sentido ideológico. O historiador está lá para tentar compreender o que há de representativo ou não no depoimento. O historiador deve explicar, selecionar para hierarquizar. Há, portanto, desde o início, fonte possível de desacordo entre os interlocutores. Mas de outro lado, em seu trabalho de intelectualização, não há mais lugar para o vivido, o historiador tem possibilidades de ter passado ao largo de numerosas realidades. Se a testemunha não se reconhece no trabalho do historiador, este tem o dever de reconsiderar sua cópia, seja para confirmar as conclusões desta, desta vez com todo o conhecimento de causa, seja para combiná-las, modificá-las ou corrigi-las”.¹³ Contudo, torna-se oportuna a advertência sobre as dificuldades de se fazer a história do presente; de um lado, os limites do tempo, ou seja, quando os fatos históricos ainda não sofreram a necessária decantação do tempo, e, de outro, a problemática da documentação, quando, por uma razão ou outra, a maior parte dos documentos ainda não está disponível. O certo é que a história presentificada não aprisiona o historiador apenas ao passado, pois, como ciência, ela também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente.¹⁴ Métodos e procedimentos mais parecidos com as técnicas jornalísticas do que com as da ciência histórica e que possibilitam estranhas e saudáveis “mixagens”, como o historiador-jornalista ou o historiador-testemunha.

Os cuidados metodológicos e interpretativos a respeito da História do presente, a nosso ver, aplicam-se, também, na realização de um estudo biográfico, tendo em mente que toda biografia, a rigor, é uma interpretação, uma tentativa, e, nesse *myster*, o historiador depende da sua própria capacidade de reconstrução, de sua vigilância sobre valores e juízos e, com isso, sua responsabilidade cresce. Cresce, pois pode se correr o risco de uma construção absolutamente fantasiosa que nada

tenha de histórica, e nesse caso, estaria se construindo simplesmente um mito. Isso, contudo, não seria de todo negativo, entendendo-se que, em essência, “o próprio mito expressa um rearranjo de elementos históricos que, ao se combinarem de forma particular traduzem uma elaboração coerente e ordenada da vida social”.¹⁵ No entanto, o mito não é história e nem se confunde com esta, embora a construção mítica possa falar sobre ela, mesmo que seja de maneira enviesada, reordenando significados e representações gerados no seu processo de elaboração.¹⁶

Atentos aos perigos do campo em que nos movemos, estamos prontos para enfrentar as dificuldades que se apresentam na construção de uma biografia, que, quando laudatória e panegírica, é um forte apelo para que estes deslizos sejam cometidos. Temos em mente que a lógica da história é a própria lógica do agir humano, em que cada ação individual somente assume significado se inserida em uma perspectiva de longa duração, na trama das ações recíprocas produzidas ao longo de gerações e pela vida em comum dos indivíduos. Em que se possa mostrar os tecidos conectivos entre a história pessoal de um personagem, familiar ou de grupos e entidades de mais largo alcance e de mais longa duração, como o Estado, a Igreja e os códigos jurídicos, que se imbricam na construção das relações de poder e, da mesma forma, as estruturas de articulação do saber e sua transmissão. Nesse aspecto, pensamos na importância inegável que tem para a história presente – não a do presente – a retomada das biografias intelectuais brasileiras realizadas nos parâmetros de uma história renovada, sobretudo aquelas que têm um profundo significado historiográfico. Exemplo disso é o perfil do historiador Nelson Werneck Sodré, traçado sob a ótica múltipla de pesquisadores de diferentes áreas de estudo da História. Por meio dele, pode-se penetrar na personalidade e na obra de um dos mais polêmicos personagens da historiografia brasileira contemporânea.¹⁷ O mesmo se aplica ao estudo biográfico que lança novas luzes sobre Oliveira Lima, o historiador-diplomata cuja obra foi relegada ao segundo plano por mais de meio século. Sua história e obra, resgatadas agora sob o influxo das novas correntes historiográficas, destacam sua importância, inclusive, como um dos primeiros estudiosos da história do cotidiano no Brasil.¹⁸ Deve se destacar ainda, nesse quadro, dois trabalhos de

publicação recente, abordando a trajetória de homens públicos que, a despeito de suas origens bem mais modestas – guardando-se as devidas peculiaridades entre eles – conseguiram alguma projeção e prestígio numa sociedade elitista, como era a brasileira do século XIX. A primeira delas, escrita por Antonio Candido, um dos seus descendentes, é a finada biografia de Nicolau Tolentino, um desconhecido funcionário público do Império que, de origem simples, teria ascendido socialmente, vindo a ocupar a presidência da Província do Rio de Janeiro.¹⁹ Não menos importante é o trabalho do historiador José Murilo de Carvalho, organizando a obra política do Visconde do Uruguai, a partir de seus próprios textos e estudos, que sintetizam, em última instância, a mentalidade conservadora dos tempos da monarquia.²⁰

No mesmo sentido, em obra que trata da historiografia luso-brasileira contemporânea, realizada por José Jobson de Andrade Arruda e o professor português, José Manoel Tenrraguinha,²¹ encontramos importantes referências ao desenvolvimento de análises historiográficas levadas a efeito entre 1960 e 1970, e que tinham como foco personagens de grande densidade na história e historiografia brasileiras. De acordo com os autores, ao referir-se ao trabalho de Emília Viotti da Costa, que buscou fazer a história da história de José Bonifácio, esta é “uma dimensão circunscrita, nem por isso menos importante” no conjunto da nossa produção historiográfica.²² A renomada estudiosa dedicou-se à construção da biografia do Patriarca da Independência, de cuja imagem problematizou o irredutível mito da nacionalidade, da autonomia e da integração nacional, no momento em que se processava a criação do Estado nacional brasileiro.²³

Pensando a biografia, uma das maneiras talvez mais antigas de se fazer história, e seu retorno, inserido no universo da história intelectual, nos novos moldes que indicam o caminho para a interdisciplinaridade, tendemos a aproximá-la da sociologia do conhecimento. Afinal, é vivo o interesse geral, não apenas pela memória histórica, no sentido restrito da História da Historiografia,²⁴ mas pelas memórias sociais em geral, uma vez que “a memória histórica pode ajudar a estruturar a memória individual e até algumas coletivas”,²⁵ penetrando, assim, os espaços sociais em que se produz e se vivifica a cultura. Não a cultura no seu velho sentido, restrito, quase sempre, apenas à produção intelectual

e artística, mas enquanto conceito que se desdobra em seu caráter polissêmico, revisto e criticado pelas Ciências Sociais.²⁶ Nesse caso, a história, enquanto domínio muito antigo do saber, deve corresponder a necessidades profundas de gestação da memória social, exigindo o desdobramento da atividade do historiador, que passa a incorporar o arqueólogo, o sociólogo e o antropólogo, entre outros, o que acaba por gerar um fecundo diálogo interdisciplinar.²⁷

Nesse processo de abertura para a interdisciplinaridade, e até pelos aspectos formais e técnicas de produção muitos próximas ou, ainda, pelas suas perspectivas e convergências, não se pode, de maneira alguma, olvidar a estreita relação entre a História e a Literatura, especialmente quando penetramos os domínios da memória e da biografia. Numa rápida análise do processo de constituição da produção literária contemporânea, pode-se verificar que boa parte das obras que a integram, incorporam na própria escritura a imitação do procedimento que gera a historiografia, em que o processo de autocentrimento do discurso, colocado nos termos precedentes, serve tanto para demonstrar que “a Literatura é historicamente condicionada para evidenciar que a História é discursivamente estruturada”.²⁸ Basta lembrar a recomendação feita por Antonio Candido a Oswald de Andrade para que este escrevesse suas memórias, argumentando que uma literatura precisa de memórias [e, portanto da História] para ter consistência. As memórias, as autobiografias e as biografias podem compor aquele fundo sutil da vida de uma língua, fundo a partir do qual podem emergir grandes obras.²⁹ Lembrando o historiador José Honório Rodrigues: “A Literatura abre janelas à realidade ainda desconhecida e preenche deficiências de fontes estritamente históricas”.³⁰ Assim, somos tentados a pensar que, se o imprescindível para a História é não perder de vista as várias manifestações do pensamento, cabe à Literatura lugar especial e particular menção, desde que ao escritor possa ocorrer a oportunidade de revelar maior espontaneidade do que ao próprio historiador ou de refletir como testemunha determinado momento histórico. Isso, tirando de lado o fato de que o romance histórico tende a ser, por si só, e na maioria das vezes, uma deformação da realidade e, portanto, não pode servir ao historiador. É certo, contudo, que a crônica, o conto, o texto teatral e o romance podem revelar qualidades

historiográficas ao desnudar épocas, atmosferas ou ambientes e, nessa medida, retratarem a sociedade em um determinado momento. É pensar um pouco no personagem central de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, uma saborosa autobiografia *post-mortem*, feita pelo próprio morto – que narra o romance na primeira pessoa – com a preocupação de rememorar os fatos mais importantes da sua vida. Além de revelar a atmosfera, o cotidiano e as representações de uma época, o defunto-personagem é o próprio símbolo do idealismo romântico morto e enterrado dentro do escritor e, ao mesmo tempo, a ressurreição do materialista que dormia no fundo de sua consciência e, que, por fim, despertou.³¹ O mesmo poderia se aplicar a Policarpo Quaresma, de triste fim, concebido pelo não menos desventurado Lima Barreto: um personagem incorporando a timidez, a ingenuidade, a discrição e os próprios sentimentos que alimentaram a amarga vida do autor. Um romancista, quando verdadeiramente preocupado com a representação de uma dada realidade histórico-social em que vive ou viveu, pode imprimir à obra de ficção a possibilidade de se tornar uma fonte imediata do historiador desde que tenha realizado o seu intento. Em verdade, o historiador e o romancista se encontram na mesma observação da realidade, para, em seguida, se afastarem na maneira de exprimi-la, pois, enquanto o primeiro busca sua tradução por meio de eventos e conceitos, o segundo procura retratar as imagens e as impressões dela extraídas. Da mesma forma, têm muito em comum quando se ocupam da história e se submetem ao tempo.³² Ainda de acordo com José Honório Rodrigues, a ficção tem uma grande importância na construção da história, como: “Uma fonte imediata do historiador porque ela se vincula à realidade histórico-social do seu tempo, e a dupla criação e recriação são etapas de um mesmo processo histórico”. Na mesma linha, complementa “que pode ainda a literatura prover deficiências de fontes estritamente históricas”.³³

No enlace História e Literatura focando a biografia, há um elemento comum a ambas. A biografia é apresentada como um relato pertencente aos domínios da História, que consagra a vida de um único homem, donde pode-se excluir os ensaios, a ficção não-histórica, o não individual. Para sua realização, contudo, ela tem que necessariamente congrega a Arte e a Ciência, ou seja, a Literatura e a História. Segundo

Daniel Madelénat, autor de *La Biographie*, a biografia “é um mister – como todas as outras artes – que emprega técnicas que qualquer um pode aprender (...). Pode-se, vagamente, chamá-la de ciência [certamente histórica], visto que em parte de seus trabalhos, o biógrafo procede indutivamente: reúne fatos para tirar conclusões. É uma arte, entretanto, em sentido restrito, pois que o biógrafo está ele mesmo misturado ao que faz e, como o romancista e o pintor, modifica seus materiais para criar efeitos. Ela é, sobretudo, um ofício do impossível”.³⁴ Para Massaud Moisés, por sua vez, ela é classificada entre as “expressões híbridas” mas que, pela “faceta documental e veracidade dos fatos”, deve ser integrada no plano da historiografia, e isso, sobretudo, quando trata de Einstein ou Napoleão, da história de indivíduos que fazem a História.³⁵ De acordo com Moisés, por ser o relato da existência alheia que se pretende objetivo e verdadeiro, em seu trabalho, “o biógrafo mune-se de documentos cientificamente compulsados e serenamente interpretados a fim de reconstituir a autêntica trajetória de um homem superior. Graças à equação extrapessoal, a biografia logra em parte seu intento, mas sucumbe ao fascínio das soluções imaginárias. Decerto, há biografias mais factuais que outras, mais ricamente documentadas que outras, mas nenhuma escapa de preencher os vazios documentais com os apelos da fantasia criadora, quando não a enquadrarem os textos de base na imagem pré-fabricada. É que nenhum biógrafo está isento de partidarismos: do contrário não cumpriria sua missão, visto que o relato de vidas alheias exige um mínimo de adesão, empatia, admiração etc. A frio, biografia alguma se arquiteta, ou acaba por transformar-se em relato descolorido, à semelhança das tábuas biográficas”.³⁶

Na confirmação das palavras de Massaud Moisés, enfatizando que o sujeito da biografia é um “homem superior”, Madelénat deixa claro que a história da biografia é aquela de seus “recomeços sucessivos, de suas adaptações às novas imagens do homem”, tendo em vista que “uma sociedade desigual não concebe biografia para os humildes e obscuros; a religiosa Idade Média dá à espiritualidade e à morte, um peso que as ideologias modernas não aceitam”.³⁷

Quanto ao caráter subjetivo do texto biográfico, embora o enquadre no plano da ciência histórica, temos em Moisés a afirmação de que a própria Historiografia não está isenta de subjetividade, pois,

a partir do século XIX, segundo ele, “a Historiografia, tornando-se ou pretendendo-se Ciência, desligou-se da companheira milenar, a arte literária, para arrimar-se a parceiros não-estéticos. E atualmente, quer entre especialistas, quer entre leigos, a Historiografia passa por uma atividade científica. Entretanto, pondo de lado que todo conhecimento, incluindo o científico, traz a marca do sujeito que o detém ou propõe, é de observar que o fantasma da subjetividade continua a rondar o firmamento historiográfico. Ao fim de contas, ainda que os seus cultores busquem uma linguagem cientificamente precisa, cada texto é produto de uma interpretação particular: (...) Se um texto científico pode alcançar plena referencialidade, uma página historiográfica deixa sempre a impressão de linguagem hesitante entre a univocidade e a polivalência”.³⁸ Portanto, um historiador que se propõe a realizar um estudo biográfico, agora entendido como a simulação, por palavras, da vida de um dado personagem, deve cercar-se de alguns cuidados para não descambar para uma das duas extremidades que atuam como verdadeiras fronteiras do espectro biográfico. De um lado, a “biografia romanceada”, que simula a vida, mas não respeita materiais, documentos e narrativas disponíveis; de outro, a “biografia factual”, repleta de ocorrências, que glorifica materiais, documentos e narrativas, mas não simula uma vida real – como se a uma faltasse a verdade e, a outra, a arte.³⁹ Mesmo com a ressalva, no que tange aos perigos apontados acima, a escrita biográfica moderna insere-se no último paradigma, entre os três distinguidos por Madelénat:⁴⁰ inspira-se no romance moderno, também na poesia, no jornalismo e no cinema (com sua predileção pelo espetacular e o sensacional). Nela, o autor, de acordo com o renomado estudioso, menos submisso às conveniências e à letra do documento, é um artista o tempo todo; encurtando, atrasando e manipulando o tempo para colocar em cena uma existência, num processo que o autor nomeia de “vida interpretativa” ao “direito à reconstrução”, conseqüência da relatividade de toda verdade positivista, das lacunas testemunhais e das ambigüidades dos documentos.⁴¹

Com efeito, na penosa tarefa de reconstruir a trajetória vivida por um determinado indivíduo, aquele que realiza seu estudo biográfico e, pela própria distância entre o que foi, ou o que é sua vida e sua obra, tem que estar sempre pronto para exercitar sua capacidade de interpretação

ou de suposição. Isso porque a biografia não é um meio de unir a vida e a obra, e aqui tomamos emprestadas as noções sobre o tema discutidas por Jacques Derrida, visto que há sempre uma distância entre elas, que é apenas dramatizada pelo texto biográfico. Para Derrida: “A biografia é apenas um gênero literário que instaura uma figura de leitura desta relação, e, que permanentemente reescreve seus dois pólos, produzindo vidas e obras diferenciadas”.⁴² E assim sendo, fazemos também nossas as palavras de Michel Foucault sobre a biografia ou a autobiografia: “uma escavação ao infinito, onde jamais se chegará a uma imagem definitiva do biografado”.⁴³ O modelo foucaultiano, que nunca foi compreendido como “um modelo alternativo para escrita da história da cultura, concebia a linguagem-discurso como um meio de apreensão da transformação, sendo este o campo em que se ordenavam os objetos e os personagens, não apenas como signos, mas como relações de poder”.⁴⁴ Para o controverso pensador francês, morto em 1984, “o nome do biografado é quase sempre um nome de morte, de alguém que já não pode contestar as imagens que dele se construiu; mas a morte é a única possibilidade desta imagem se estabilizar, quando um sujeito absoluto é apresentado no lugar de um sujeito possível”.⁴⁵ Uma imagem legível, mas que, ao se incorporar a uma história, pode ser borrada em sua legibilidade, impondo-se, então, a necessidade de interpretação. Memória e narrativa nem sempre estão afinados no mesmo diapasão. Manter-se fiel à memória pode significar, muitas vezes, a perda da narrativa, como ocorreu com o próprio Derrida, ao realizar a biografia do filósofo Paul de Man, seu amigo, que falecera na década de 1980.⁴⁶

Um outro óbice ao desenvolvimento da boa biografia intelectual é o conjunto de expressões, aparentemente divergentes e excludentes, que, ao se oporem umas às outras produzem as dicotomias. Assim, “ciência e arte”; “objetividade e subjetividade”; “relato e reconstrução”, “fato e ficção” acabam entrando para o elenco do que poderíamos chamar de “tabus históricos”, uma vez que muitos historiadores teimam ainda em não enxergar o elemento imaginário em suas obras. Para a superação desse problema, torna-se vital a constante estimulação ao diálogo entre idéias opostas no interior de textos específicos, entre o historiador e o passado e entre texto e contexto, não como uma simples dicotomia, mas como sobreposições.⁴⁷

No caso específico de uma biografia de um personagem até agora praticamente desconhecido, torna-se necessária a construção de uma ponte que leve ao passado e que permita o estudo do indivíduo em sua imersão social, no plano da curta e da longa duração, realizando, assim, uma travessia entre o singular, específico, individual e o plural geral, coletivo, cuja interação produz a singularidade. Esta viagem pressupõe uma tarefa árdua e inexaurível. Nessa tarefa, segundo José Jobson de Arruda, resta ao historiador: “Não descuidar dos detalhes, da filigrana, do aparentemente desprezível, mas também não deixar de inscrevê-los na teia ampla da macro-história, na sua cadeia relacional e, daí, inverter a trajetória retornando ao pontual, ao contingente tornado emblemático. A esta primeira aproximação impõe-se uma segunda viagem que transcorre da descrição à análise, da narrativa à reflexão teórica. Nesse entrelace, signos e sentidos se explicitam, símbolos e conceitos se completam, ou se revelam. Enfim, busca-se neste terceiro nível atingir os tesouros ocultos do subconsciente, expresso no imaginário, e realizar a travessia de volta às formações mentais dominantes, de caráter eminentemente ideológico, cuja significação é, inequivocamente, produzida nas clivagens e tensões sociais. Instaure-se, nesse passo, a hegemonia da razão, da compreensibilidade, mas cuja unicidade é rompida pela ação da sensibilidade que, ao iluminar os múltiplos perfis trabalhados pela singularidade repõe, de maneira adensada e renovada, os objetos da percepção”.⁴⁸ É preciso destacar que, nessa reconstrução de uma história de vida, choques, atritos e outros incidentes, de coloração aparentemente episódica, são reveladores, no âmbito da realidade histórica, de profundas contradições socioculturais.⁴⁹ Afinal, as relações entre pessoas, especialmente se conflituosas, podem denotar um complexo jogo de emoções, ações e práticas políticas, sociais ou culturais.

Na difícil tarefa de perscrutar o passado de um personagem em todas as suas dimensões possíveis, não se deve subestimar os desvãos e os vazios deixados pela falta ou imprecisão documentais. Nesses espaços esquecidos, segundo Philippe Tétart, “seja por causa dos centros de interesse de uma população numa dada época, seja por causa das idéias pré-concebidas dos historiadores e seu método, permanece uma matéria viva, legível e inexplorada”.⁵⁰ São aquelas

“configurações do silêncio” de que falou Foucault, que Alain Corbin restabeleceu como um dos marcos da nova história das sensibilidades; como um postulado vital para a busca indispensável da apreensão dos funcionamentos sociais pelos quais o historiador deve se interessar.⁵¹ Uma história “sem nome”, libertada do peso dos *Annales* e que pode ser vista como uma imersão nas águas profundas da história sociocultural do vivido e do imaginário. Na sua construção, tem que se destacar uma importante especificidade do trabalho com o passado, que não se sabe por que razão caiu no esquecimento, suprimindo massas adormecidas e até mesmo painéis inteiros de história. É nessa perspectiva de uma nova abordagem que se insere a biografia moderna, uma vez que, segundo Corbin: “Fazer a biografia de pessoas comuns que não deixaram marcas e que não tinham intenção de deixá-las, numa palavra: fazer a história de pessoas sem história parece-me um desafio para o historiador”.⁵² Tem significado, então, a visão de Walter Benjamin sobre o conceito de história: “O cronista que narra os acontecimentos [aos quais acrescentamos personagens], sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.⁵³

Além de ser uma importante vertente da história cultural e das sensibilidades, a biografia pode ser, também, uma espécie de micro-história que contém em si mesma um forte caráter pluridisciplinar, na medida em que pode incorporar o curso da sociologia, da antropologia, da literatura e da própria história. Para Revel, um dos dirigentes desta corrente historiográfica, deve-se compreender a micro-história não como uma alternativa à macro-história, mas sim como algo que possa rearticular a interrogação histórica em torno de uma maior flexibilidade das escalas de pesquisa da macro à micro-história.⁵⁴ Disso, conforme aquele autor, pode-se tirar pelo menos duas lições: “A primeira é uma advertência salutar a respeito da exigência reflexiva do historiador sobre seus próprios procedimentos, da vigilância que o sucesso da rotina talvez tenha dissipado um pouco. Os conceitos e as categorias que utilizam não são coisas, e sim hipóteses [...] A segunda lição convida-nos a avaliar melhor a complexidade dos fenômenos sociais [...] Estou convencido do benefício que existe em trabalhar ao mesmo tempo em diversas escalas para obter uma ou antes imagens

mais complexas da realidade histórica. Neste sentido, a micro-história tem ao menos o mérito de chamar nossa atenção para o interesse das variações de escala nas ciências sociais”.⁵⁵

Se é certo que o tratamento biográfico não dispensa o entendimento para além do imaginário e das representações, essenciais nesta modalidade de estudo, não se pode, contudo, deixar de lado o significado e a influência das ideologias circundantes, pois corre-se o risco de fazer da biografia uma ilha, sem referir-se ao mar oceano da sociedade que a cerca. Nesses termos, o entendimento de ideologia é aquele que foi formulado por Dumont, quando, ao diferenciar as sociedades tradicionais da sociedade moderna, diz: “Chamo de ‘ideologia’ o conjunto das idéias e dos valores comuns em uma sociedade. Como existe no mundo moderno um conjunto de idéias e de valores que é comum a inúmeras sociedades, países ou nações, falaremos de uma ‘ideologia moderna’ em contraposição com a ideologia de tal sociedade tradicional (correspondente, recordemo-nos, a uma civilização superior). Estamos aqui diante do caso em que diferentes sociedades fazem parte de uma ‘civilização’ comum, como afirmava genericamente Mauss a propósito deste fenômeno internacional ou inter-societário, insistindo sobre seu caráter fundamentalmente social [...]. Porém, a ‘ideologia moderna’ é mais restrita do que a ‘civilização moderna’ no sentido que lhe deu Mauss. Em geral, a ‘ideologia’ é muito semelhante àquilo que a antropologia americana chama de ‘cultura’ por oposição à ‘sociedade’, mas, com uma importante diferença. Com efeito, para depreender a significação comparativa da ideologia, é essencial incorporar os traços sociais não ideológicos que, na concepção americana, caíram na ‘sociedade’, logo fora da análise da ‘cultura’”.⁵⁶

Enfim, devassar a vida de um personagem (conhecido ou desconhecido) e o seu mundo, protegidos pela magia do impenetrável e do secreto que o tempo esqueceu ou escondeu, tem o mesmo peso dos mistérios que cercam os *icebergs*. Estes parecem flutuar levemente sobre os mares, mas o que levam sobre as águas, é apenas uma parte insignificante em relação ao que se esconde invisível e ameaçador, nas profundezas densas destas mesmas águas.

Notas

- ¹ Versão modificada da Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas em 2003.
- ² Cf. MELLO E SOUZA, Laura de. História da cultura e da religiosidade. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade e FONSECA, Luís Adão (Orgs.). *Brasil-Portugal: História, agenda para o milênio*. Bauru-SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP; Portugal: ICCTI., 2001. p. 76.
- ³ Cf. FICO, Carlos. Algumas anotações sobre historiografia, teoria e método no Brasil dos anos 1990. In ARRUDA, José Jobson de Andrade e FONSECA, Luís Adão (Orgs.). Op.cit. Bauru-SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP; Portugal: ICCTI., 2001, p. 76. , p. 618.
- ⁴ Idem ibidem. p. (espaço) 619.
- ⁵ Cf. REMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVEAU, Agnès e TÉTART, Philippe (Orgs) *Questões para a história do presente*. Bauru-SP: 1999. p. 51.
- ⁶ Ver a respeito,entre outros, DÉLOYE, Yves. *Sociologia histórica do político*. Bauru, SP: EDUSC, 1999; TÉTART, Philippe. *Pequena História dos historiadores*. Bauru, SP: EDUSC, 2000. pp. 125-131.
- ⁷ Cf. DELOYE, Ives. Op. cit. p. 25.
- ⁸ Cf. BURKE, Peter. (org) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p.334.
- ⁹ Cf. BODEI, Remo. *A história tem um sentido ?* Bauru, SP: EDUSC, 2001. p.71.
- ¹⁰ Idem ibidem. Op. cit. p. 72.
- ¹¹ Idem ibidem. Op. cit. p. 73.
- ¹² Idem ibidem, Op. cit. p. 73.
- ¹³ FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnès e TÉTART, Philippe (org). Op.cit.. p.116.
- ¹⁴ Cf. CHAUVEAU, Agnès e TÉTART, Philippe. Op.cit. p. 15. Na mesma linha, Carlo Ginzburg afirma que “não é verdade que só se possa fazer história com os acontecimentos do passado, já decantados das paixões, dos interesses e da imediação dos protagonistas. É possível e lícito, também, uma história do presente na qual se está envolvido, desde que subsistam provas”. Ver a respeito, GINZBURG, Carlo. *Il giudice e lo storico*. Turim, Itália: Einaudi, 1991.
- ¹⁵ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Hucitec, 2001. p.127.

- ¹⁶ Cf. Idem, *Ibidem*. Op. cit. p. 127.
- ¹⁷ SILVA, Marcos (org.). *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2001.
- ¹⁸ MALATIAN, Tereza. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2001.
- ¹⁹ MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Um funcionário da monarquia*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- ²⁰ CARVALHO, José Murilo (org.). *Paulino José Soares de Souza*. Visconde do Uruguai. São Paulo: Editora 34, 2002.
- ²¹ ARRUDA, José Jobson de Andrade e TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 26-27.
- ²² Idem *ibidem*. p. 26. Jobson Arruda refere-se também a outra opção, adequada à natureza dos estudos historiográficos, em que historiadores são eleitos visando como foco das análises a centralização. É o caso de DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco*, Southey historiador do Brasil. São Paulo: Nacional, 1974; JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *João Francisco Lisboa: jornalista e historiador*. São Paulo: Ática, 1979, 1977 e ODÁLIA, Nilo (org.). *Varnhagen*. São Paulo: Ática, 1979 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 9).
- ²³ COSTA, Emília Viotti. José Bonifácio Mito e História. *Anais do Museu Paulista*. Tomo XXI, São Paulo, 1967.
- ²⁴ Sobre a História da História, pode ser encontrado um excelente repertório em SILVA, Rogério Forastieri da. *História da historiografia: capítulos para uma história das histórias da historiografia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- ²⁵ MATOS, Sérgio Campos. Historiografia e memória social (1945-2000): balanço e perspectivas futuras. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade e FONSECA, Luís Adão (Orgs.). *Brasil-Portugal: história, agenda para o milênio*. Bauru-SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP; Portugal: ICCTI., 2001. op.cit. p. 541.
- ²⁶ Ver a respeito, entre outros: CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 1999; BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998; HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ²⁷ Cf. NOVAIS, Fernando Antônio. Problemática da Historiografia Brasileira. ARRUDA, José Jobson de Andrade e FONSECA, Luís Adão (orgs.). Op. cit. p. 574.
- ²⁸ Cf. VÉSCIO, Luiz Eugênio e SANTOS, Pedro Brum (orgs.). *Literatura & História: perspectivas e convergências*. Bauru/SP: EDUSC, 1999, p.13 e 14.

- ²⁹ Cf. FISCHER, Luís Augusto. Para uma descrição da literatura brasileira no século XX. In: VESCIO, Luiz Eugênio e SANTOS, Pedro Brunel (org). Op. cit. p.125.
- ³⁰ RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil* – Introdução Metodológica. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1969. p. 214.
- ³¹ Cf. PEREIRA, Astrogildo. *Machado de Assis*. São Paulo: Livraria São José, 1959.
- ³² Cf. RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1969. p. 179.
- ³³ Idem ibidem. p. 179.
- ³⁴ MADELÉNAT, Daniel. *La Biographie*. Paris, Fr: Galimard, 1984 p. 206.
- ³⁵ Cf. MOISÉS, Massaud. *A criação literária – Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 6.
- ³⁶ Idem ibidem. Op.cit. p. 289.
- ³⁷ MADELÉNAT, D. Op. cit. p. 231.
- ³⁸ MOISÉS, Massaud. Op. cit. p 307.
- ³⁹ Cf. MADELÉNAT, D. Op. cit. p.242.
- ⁴⁰ Com relação à história da biografia, o estudioso francês distingue três paradigmas: a biografia clássica, “cujas normas se mantiveram estáveis da Antigüidade até o século XVII”; a biografia romântica, denominação que abrange as obras do fim do século XVIII ao início do século XIX e a biografia moderna, “filha do relativismo ético, da psicanálise e das transformações da epistemologia histórica”. A divisão por ele proposta, entretanto, não deve ser entendida rigidamente, “porque paradigmas ultrapassados podem sobreviver tanto em formas consagradas quanto em outras esclerosadas, ou podem voltar com conotações de ironia e desprezo”. MADELÉNAT, D., Op. cit., p 239.
- ⁴¹ Cf. MADELÉNAT, D. Op. cit., p. 65.
- ⁴² DERRIDA, Jacques. La estructura, el signo y el juego en el discurso de las ciencias humanas. In: *Dos ensayos*. Barcelona, ESP: Anagrama, 1972. p. 18.
- ⁴³ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Veja, 1992, p. 10.
- ⁴⁴ O'BRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn (org). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 34.
- ⁴⁵ FOUCAULT, Michel. Op. cit., p. 19.
- ⁴⁶ Cf. STRATHERN, Paul. *Derrida em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. p. 5.
- ⁴⁷ KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. In: HUNT, Lynn (org). Op. cit., p. 109.

Conforme La Capra: “O passado sempre está presente no historiador e este, por sua vez, sempre está inserido num passado lingüístico-filosófico, cabendo-lhe, portanto, respeitar e dialogar cm as vozes deste passado”.

- ⁴⁸ ARRUDA, José Jobson de Andrade. “Linhagens historiográficas contemporâneas: por uma nova síntese histórica”. In: *Economia e Sociedade*, Revista do Instituto de Economia da Unicamp, nº 10, jun.1998. p. 188.
- ⁴⁹ Cf. CONTIER, Arnaldo D. “Villa-Lobos: o selvagem da modernidade”. *Revista de História*. nº 135. São Paulo: USP, 1996. p.110.
- ⁵⁰ Cf. TÉTART, Philippe. Op. cit., p. 144.
- ⁵¹ Idem ibidem.
- ⁵² CORBIN, Alain. “L’histoire des sensibilités”. In: *Sciences Humaines*. Paris, FR: 1977.
- ⁵³ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 223.
- ⁵⁴ Cf. REVEL, J. F. “Um vent d’Italie: émergence de la micro-histoire”. In: *Sciences Humaines*. Paris, FR: 1977.
- ⁵⁵ Idem ibidem. p. 146.
- ⁵⁶ DUMONT, Louis. *Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica*. Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 19.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, José Jobson de Andrade e FONSECA, Luís Adão (Orgs.). *Brasil-Portugal: História, agenda para o milênio*. Bauru-SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP; Portugal: ICCTI., 2001.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade e TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. “Linhagens historiográficas contemporâneas: por uma nova síntese histórica”. In: *Economia e Sociedade*, Revista do Instituto de Economia da Unicamp, nº 10, jun.1998.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BODEI, Remo. *A história tem um sentido ?* Bauru, SP: EDUSC, 2001.

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.
- BURKE, Peter. (org) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARVALHO, José Murilo (org.). *Paulino José Soares de Souza*. Visconde do Uruguai. São Paulo: Editora 34, 2002.
- CONTIER, Arnaldo D. “Villa-Lobos: o selvagem da modernidade”. *Revista de História*. nº 135. São Paulo: USP, 1996.
- CORBIN, Alain. “L’histoire des sensibilités”. In: *Sciences Humaines*. Paris, FR: 1977.
- COSTA, Emília Viotti. José Bonifácio Mito e História. *Anais do Museu Paulista*. Tomo XXI, São Paulo, 1967.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- DÉLOYE, Yves. *Sociologia histórica do político*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco*, Southey historiador do Brasil. São Paulo: Nacional, 1974.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Veja, 1992.
- GINZBURG, Carlo. *Il giudice e lo storico*. Turim, Itália: Einaudi, 1991.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *João Francisco Lisboa: jornalista e historiador*. São Paulo: Ática, 1979.
- MADELÉNAT, Daniel. *La Biographie*. Paris, Fr: Galimard, 1984.
- MALATIAN, Tereza. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2001.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Um funcionário da monarquia*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária - Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- ODÁLIA, Nilo (org.). *Varnhagen*. São Paulo: Ática, 1979 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 9).
- PEREIRA, Astrogildo. *Machado de Assis*. São Paulo: Livraria São José, 1959.

- REMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVEAU, Agnès e TÉTART, Philippe (Orgs) *Questões para a história do presente*. Bauru-SP: 1999.
- REVEL, J. F. “Um vent d’Italie: émergence de la micro-histoire”. In: *Sciences Humaines*. Paris, FR: 1977.
- RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1969.
- RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil*. Introdução Metodológica. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1969.
- SILVA, Marcos (org.). *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2001.
- SILVA, Rogério Forastieri da. *História da historiografia: capítulos para uma história das histórias da historiografia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- STRATHERN, Paul. *Derrida em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.
- TÉTART, Philippe. *Pequena História dos historiadores*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- VÉSCIO, Luiz Eugênio e SANTOS, Pedro Brum (orgs.). *Literatura & História: perspectivas e convergências*. Bauru/SP: EDUSC, 1999.